

A contribuição do corpo na construção da escrita¹

Alciane Tavares²

Resumo

Esta comunicação objetiva revelar como o corpo influencia significativamente na construção da escrita. Nesta perspectiva, novos sentidos são alcançados para a vida, favorecendo a capacidade de contato/diálogo consigo mesmo, com os outros e com os acontecimentos.

Palavras-chave

Corpo. Pensamento. Escrita. Vida.

1. Este artigo é parte da pesquisa para a monografia que corrobora o corpo e a mente no processo de criação.

2. Aluna do curso de Pedagogia da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Uberlândia. E-mail: ciciudia@yahoo.com.br

The body contribution in the construction of the written*

Alciane Tavares**

Abstract

This communication aims to reveal how the body significantly influences the construction of writing. From this perspective, new directions are made for life, promoting contact/dialogue by oneself, others and events.

Keywords

Body. Thinking. Writing. Life.

* This article is part of research to monograph text that ratifies the body and mind in the process of creation.

** Student of Pedagogy course of Faculdade de Educação da Universidade Federal de Uberlândia. E-mail: ciciudia@yahoo.com.br

Introdução

O processo criativo fomentado na escola possibilita que o indivíduo redescubra significados na vida expandindo a consciência. Quando se abre à criatividade, abre-se ao ser criador presente no “eu”.

Vive-se em um momento mecânico, que aponta ideias isoladas, condicionadas que separam mente e corpo. Se você aprende a reconhecer, alimentar e proteger o artista criador dentro de você tornar-se-á um ser melhor, capaz de movimentar-se diante da dor, do medo e dos sentimentos que bloqueiam a transformação. Você aprende a transmutar sua energia em direção ao ser mais feliz.

O processo criativo é o processo de mudança, desenvolvimento e evolução na organização da vida interior. O indivíduo é percebido como um sistema aberto, crescendo e desenvolvendo-se, sensivelmente, por meio do intercâmbio com o ambiente. E neste processo, a educação não pode distanciar-se da sua própria essência e dos seus valores.

A criança vai à escola e não se sente curiosa e vinculada ao que deveria ser a sua alma. Ela se acha perdida no mundo do “é desse jeito” ou “faça assim”, corrompendo sua natureza espontânea. Ademais, vive-se a virtualização do mundo, isto é, um corpo que está sendo construído demasiadamente estático. Nesta nova concepção de corpo e homem, as crianças e os jovens estão aprendendo coisas sem se esforçarem. Uma concepção que implica que o homem esteja separado dos outros e, finalmente, separado

de si mesmo; o corpo é entendido como diferente do homem. Nesta perspectiva, na modernidade, há um afastamento do corpo (do eu). Há um achatamento e/ou uma anestesia³ perceptiva ou sensorial, ou seja, não há um incisivo exercício do olhar, do sentir, do ouvir, de se solidarizar com o outro e consigo próprio.

Desta forma, a criança em construção não é instigada no seu processo criativo, seja nos movimentos corporais, seja no desenvolvimento da escrita, da arte, da imaginação, que é própria da criança. Porém, no processo criativo a criança ou o adulto toca a transcendência sentindo-se parte integrante do Universo. Neste processo de integração, o homem não deve esquecer de seu potencial criativo deixando-o adormecer dentro de si (ALESSANDRINI, 1998).

Assim, o tema em questão mostra a imensurável importância da escrita dinâmica e criativa bem como dos movimentos corporais para a personalidade humana, para a sua formação e desenvolvimento, pois, desta forma fazer-se-á um ser humano pleno. É a constatação reichiana⁴ de que

no corpo de cada indivíduo se registra a sua história, ou seja, os indivíduos delineiam sua musculatura de acordo com as experiências vividas no percurso histórico, dando forma ao seu corpo conforme suas construções de pensamentos e emoções (ALBERTINI, 1994).

Deve-se desconstruir a percepção de que na literatura pedagógica, a referência feita à concepção de homem é fundamentalmente

3. A anestesia tem como contraponto a estesia, que é quando o corpo percebe o mundo, sente o mundo, isto é, como o corpo percebe sensivelmente o mundo. Há dois tipos de conhecimento: o conhecimento para o intelecto – inteligível e o saber para o corpo – sensível. O Saber está no sentido de saborear a partir dos sentidos (gostos, tato etc.). Todavia, esses dois tipos de conhecer o mundo no mundo moderno está sofrendo um hiato, um abismo, como se o corpo não fosse capaz de saber. Logo, a relação corpo X mundo é a essência do saber corporal que estamos perdendo.

4. Discípulo de Freud, Wilhelm Reich (1897 – 1957) é conhecido como o pai da Revolução Sexual. Ademais faz severas críticas ao processo de institucionalização dos corpos, nos fazendo compreender que as marcas do processo histórico são registradas no corpo dos indivíduos.

abordada numa visão filosófica, social e/ou psicológica. Adicionando-se, pois, a estas abordagens uma visão de corpo energético com a convicção de que, se o professor possui uma compreensão da dimensão biológica do indivíduo, ocorrer-se-ão possíveis mudanças significativas na forma de trabalhar com seus alunos.

Acredita-se que:

uma concepção de homem, não apenas com enfoque sócio-político, mas também como dimensão corporal, se faz necessária para compreender o ser humano em suas amplas possibilidades, considerando, pois, o ser humano como um organismo, cuja estrutura corporal e organização neurofisiológica evoluíram numa adaptação prática ao ambiente terrestre, através de milênios de história orgânica. E entender que a fonte de energia do soma humano vem de dentro da sua organização primordial, somática - processos primários inconscientes (HANNA, 1972, p.179-190).

Se há uma armadura muscular que impede o fluxo de energia da cabeça aos pés, conseqüentemente, haverá uma repressão deste fluxo, que aprisiona o indivíduo em todas as ações, quais sejam motoras, emocionais, afetivas, cognitivas, criativas etc.

Segundo Feldenkrais⁵ (1977, p. 9), o ser humano é dialético e seu movimento é uma linguagem complexa tão elaborada quanto à linguagem verbal. Duas linguagens que não podem ser postas em confronto, muito menos em competição, visto que, elas, sofrem confluências no processo criativo.

Logo, jamais nos é dado repetir duas vezes o mesmo gesto, nesta perspectiva usar da criatividade ao escrever é saborear lugares ainda não navegados, é redimensionar os campos adormecidos da imaginação

e lançar novos desafios ao pensamento.

A linguagem nas suas distintas manifestações – corporal, musical, escrita, visual – admite a narração quando se constitui como uma experiência do sujeito. Quando ouvimos uma música, o corpo descansa e o pensamento vai longe, o mesmo ocorre com uma dança e um filme que assistimos, uma fotografia, uma pintura e uma escultura que admiramos. A arte, nas suas dessemelhantes revelações, dá outra visibilidade à realidade, consentindo novos olhares, novas narrativas. A imaginação presente e necessária, tanto para o artista cunhar sua obra, quanto para o cientista fazer suas descobertas e invenções, nutre-se da realidade, vivida e sentida.

Portanto, acentuar a sensibilidade, deixar a imaginação livre, ouvir os ecos do que foi sentido e compartilhar com o grupo um experimento não deveriam ser adereços ou acessórios da ação pedagógica, mas a própria finalidade da escola que, ao longo de sua história, tem difundido e sistematizado a linguagem, dando muito mais destaque ao seu lado instrumental. Sem dúvida, a linguagem é um grande instrumento, desempenha inúmeras funções, tem um lado utilitário e funcional, mas não se restringe a isto.

Feldenkrais (1977, p. 15) também nos ensina a amar o corpo, isto é, na maneira de tratá-lo, com amabilidade e cuidado, e de vê-lo responder fácil e claramente ao que se fez por ele, descobrimos circularmente que aprendemos a amar o que está dentro dele, ou seja, nós mesmos.

Seguindo esta linha de raciocínio reconhece-se a imprescindibilidade da escrita - criativa - no nosso cotidiano, de forma a valorizar o nosso “eu” criativo que muitas vezes é engessado/sufocado nos bancos escolares.

Uma comparação das instituições escolares ao ópio é inevitável. Pois, ambos controlam, reprimem, exploram e aniquilam os sentidos,

5. Pesquisador que abre um caminho sensível e precioso de se trabalhar com o próprio corpo.

colocando-os num certo aprisionamento⁶. É essencial que o indivíduo se perceba, descubra-se, que se afirme e se assuma de forma equilibrada, reconhecendo “seu próprio corpo” e o dos outros seres vivos num fundamental movimento, pois, ao descobrir a riqueza dos seus impulsos sensuais-acomodativos, suas estruturas os farão capazes de adaptar a si mesmos e às experiências vividas em consonância à estrutura do ambiente físico e humano (HANNA, 1972).

As crianças constroem conhecimentos, valores, afetos a partir de sua experiência com o mundo. Experiência vivida num universo de corpos que tocam, olham, cheiram, comem, escutam. Corpos que sentem e leem o mundo. É a partir das referências do corpo que os seres humanos fazem cultura.

Os movimentos corporais e as sensações que provocam são textos lidos desde a mais tenra infância e se fundam como fontes de experiências, satisfações e insatisfações físicas, emocionais e espirituais. Assim, olhares, toques, sons, odores, sabores são constituidores da subjetividade humana. Como nos versos de Bartolomeu Campos de Queirós (1999), “os ouvidos têm raízes pelo corpo inteiro... os olhos têm raízes pelo corpo inteiro... o nariz tem raízes pelo corpo inteiro... a boca tem raízes pelo corpo inteiro... e a pele é a raiz cobrindo o corpo inteiro”.

Contudo, fatores de ordem política, econômica, social, cultural, psicológica e pedagógica podem ser apontados como causa do insucesso na maneira de criar/brincar com as palavras e a imaginação em harmonia com a sensibilidade e esta, segundo Feldenkrais (1977, p. 11) é tão fina quanto nossos movimentos.

Neste sentido, os nossos atos são condicionados pelos fatores de hereditariedade, educação e autoeducação. A educação determina a língua e estabelece um padrão de conceitos e reações comuns a uma sociedade

específica. Aquela determina amplamente a direção de nossa autoeducação, que é o elemento mais ativo no nosso desenvolvimento e socialmente de uso mais frequente, que os elementos de origem biológica.

Estas afirmações evidenciam que:

a cultura imprime suas marcas no indivíduo ditando normas e fixando ideias nas dimensões intelectual, afetiva, moral e física, ideais esses que indicam à Educação o que deve ser alcançado no processo de socialização e que ao longo da história humana, o homem apresenta inúmeras variações na concepção e no tratamento de seu corpo, bem como nas formas de comportar-se corporalmente, esvaziando-se da liberdade de criação, ou seja, há a repressão da mente, do olhar, do sentir (GONÇALVES, 1994).

Logo, a relação harmônica entre o corpo e a escrita busca envolver o indivíduo (criança ou adulto), em todas as ações: movimento, sensação, sentimento e pensamento. Pois, quando um destes elementos da ação se torna tão pequeno até quase desaparecer, a própria existência fica comprometida. É difícil sobreviver, mesmo por breves períodos, sem absolutamente qualquer movimento. Não há vida quando um ser está desprovido de todos os sentidos. Sem sentimentos não há impulso para viver: é o sentimento de sufocação que nos força a respirar.

Isto significa dizer que

O contato da criança com o mundo externo estabelece-se principalmente através dos lábios e da boca; e que gradualmente progredirá na descoberta de outras partes do corpo e a relação de umas com as outras. Os lábios e a boca ocupam a maior parte do espaço, já que a função da fala envolve a língua, boca e lábios (FELDENKRAIS, 1977, p. 30-31).

6. A instituição escolar separa corpo da mente, fragmenta o pensar e o fazer, o trabalho e o lazer. As grades curriculares, a rotinas das instituições educacionais expressam claramente esta evidência: a de que a escola não tem pelo corpo o mesmo apreço que tem pela mente. O resultado é um processo educacional “do pescoço para cima”.

Em relação ao polegar, este toma parte em quase todo o movimento feito pela mão, particularmente na escrita e, nesse ínterim, os ambientes familiar e escolar⁷ podem influenciar neste processo de forma positiva ou não. E quando não há uma quebra com a espontaneidade da criança, tornar-se-á futuramente um adulto mais consciente de muitas partes de seu corpo e mais livre e criativo na arte da escrita.

Estes indicadores permitem-nos entender que o nosso corpo está todo interligado. Mesmo uma criança que ainda não fala, ela apanha algo para sentir. E é dessa forma que o corpo toma consciência do espaço, sentindo a necessidade de estar em equilíbrio/harmonia com o eu e com o mundo, uma vez que, aquele move a história, o pensamento e deste modo, conduz o ser humano à energia das expressões.

As escolas podem transmutar-se em locais de escuta das aspirações do corpo, de zelo aos sentimentos, porque “o conhecimento do ego precisa ser temperado com a sabedoria do corpo” (LOWEN, 1979, p. 255), porque o conhecimento divorciado do sentimento é vazio, é alienado, perde seu sentido de colaborar para a felicidade e a integridade de cada pessoa e para o bem estar dos seres humanos. A escola é espaço de aprender a pensar, mas deve ser também espaço de aprender a sentir, relaxar, meditar, brincar, imaginar, CRIAR. Para isto, vai ser necessário assegurar ao corpo o seu merecido lugar no processo da escrita.

Então, se se quer educar o indivíduo visando o desenvolvimento completo do ser, deve possibilitá-lo a buscar a riqueza dentro de si, ou seja, o seu potencial e acreditar nele. Pois,

se os seres humanos se reprimem por si mesmos é basicamente uma contração muscular, e quando essas contrações se

prolongam por um período considerável da vida humana, tornam-se habituais e passam gradualmente para o controle do sistema nervoso autônomo (HANNA, 1972, p.104),

obscurando, pois, a imaginação, a criação, ou seja, a criança dentro de si.

Sendo assim, a escrita criativa é um método inovador e gostoso de produzir textos, que estimula o potencial criador da pessoa a partir do lado direito do cérebro. Propõe a expansão da capacidade de trabalho em grupo e a ampliação da consciência do ser humano.

Sendo assim, ao escrever criativamente, abre uma enorme avenida de acesso ao “eu” e ao mundo, ampliando o autoconhecimento e a capacidade de comunicação. Nesta perspectiva, escrever torna-se um ato criador que se compõe de duas partes sequenciais integradas: o escrever e o editar.

O ato de escrever é uma etapa livre, em que a criatividade deve fluir abertamente. Ele não é um ato exclusivo da mente racional. Sendo assim, requer uma atitude espontânea, solta, emotiva e criadora. Deve-se estar livre tanto quanto possível para deixar vazar o que lhe vai pela alma, sem medo, sem censura, sem estar preso a qualquer tipo de regra limitadora. É a primeira e mais importante etapa de alquimia de transformar ideias e sentimento em texto escrito.

Na fase de edição, verifica-se a concordância gramatical, a ortografia, a coerência, a consistência e a estrutura da mensagem que foi organizada. Entretanto, esta etapa não deve interferir, a ponto de atrapalhar, na essência emotiva da produção sensível e intensa do primeiro momento.

Para dar uma pausa neste artigo, elucido com um trecho da música “Canto esquecido de mim” de Alisson Machado Borges, que diz:

7. Ao invés de se privilegiar o aspecto puramente motor do comportamento, a análise mecânica dos movimentos e o crescimento dos ossos, dos músculos, das articulações, pode-se investir, por meio do jogo, no desenvolvimento da função lúdica, da criatividade, da habilidade, da personalidade. Além disso, os movimentos físicos libertam a mente de uma sobrecarga, sem a qual ela poderá lançar-se mais leve e livremente, à aventura do pensamento (MONTAGU, 1988).

Floresta de mim... tu, floresta, que falas comigo no som silencioso de uma onda. Voz sussurrante que me chama pelas trilhas onde caminho... Sinto-te viva em meu coração, oh floresta de minh'alma, que eu tão pouco conheço e a cada dia descubro mais... Um dia puseram-me limites, delimitaram-me até onde eu podia ir, e eu ansiava por conhecer-te, oh parte esquecida de mim mesmo... Mas hoje, quero voltar ao lugar onde nasci, quero voltar a ti, canto esquecido de mim. Ultrapassar a cerca, vencer limites, atravessar fronteiras, construir pontes, para que te atravessando eu te conheça mais... E conhecendo-te, saiba mais quem eu sou”.

Assim, neste trecho é perceptível que o corpo não é algo desvinculado do pensamento, mas, ao contrário, é com e pelo corpo que o pensamento se constrói no tempo, no movimento do corpo e em suas articulações com o mundo e com outros corpos e outras consciências. Percebemos, também, que o ser humano não deve ficar eternamente partido, deve ter relação de reciprocidade entre o saber do intelecto e o saber do corpo. Portanto, o/a professor/a deve estimular o brincar, pois, é a melhor escolha para integrar o sensível ao intelectual, compreendendo que se aprende com o próprio corpo tanto quanto com o espírito.

Se o desejo é transformar a escola num espaço que contribua para a saúde física e emocional de crianças e jovens, é preciso desafiar suas possibilidades motoras, conservando abertos os canais para a circulação e expressão das vontades/energias do corpo, ajudando-os a superar suas dificuldades e a respeitar seus limites. Ainda é necessário mesclar atividades que demandam maior ou menor movimentação como correr, pular, saltar, subir, descer. Enfim, atividades que conduzem à movimentação do corpo são tão fundamentais quanto àquelas que exigem reflexão. Sobretudo, é imprescindível incentivar a construção de sua imagem corporal e o jogo simbólico – a fantasia e a imaginação – que são próprias da infância e investir na descoberta e na valorização dos espaços ao ar livre⁸; entendendo que, além de se constituírem como locais de brincar e relaxar, podem, também, ser explorados como espaços de aprendizagem, trabalhando a criatividade dos vários campos do saber.

Logo, deve-se defender uma educação abrangente, comprometida com a estesia humana, a qual emerge como uma importante arma para se enfrentar a crise que acomete o nosso mundo moderno e o conhecimento por ele produzido.

Referências

- ALBERTINI, P. **Reich**: histórias das formas e formulações para a educação. São Paulo: Agora, 1994.
- ALESSANDRINI, Cristina D; BRANDÃO, Carlos R.; LIMA, Edvaldo P. **Criatividade e Novas Metodologias**. São Paulo: Fundação Peirópolis, 1998.
- FELDENKRAIS, Moshe. **Consciência pelo movimento**. São Paulo: Summus, 1977.
- GONÇALVES, Maria Augusta Salin. **Sentir, pensar, agir** – Corporeidade e educação. Campinas. São Paulo: Papirus, 1994. p.13-37. (Coleção: Corpo e Motricidade).
- HANNA, Thomas. **Corpos em Revolta**: uma abertura para o pensamento somático. Rio de Janeiro: ED.MM. 1972. p. 179-190.

8. A liberdade da criança é a nossa insegurança, enquanto educadores, pais ou simples adultos e, em nome da criança, buscamos a nossa tranquilidade, impondo-lhes até os caminhos da imaginação (LIMA 1989, p.10-11).

LIMA, Mayumi Souza. **A cidade e a criança**. São Paulo: Nobel, 1989.
LOWEN, Alexander. **O corpo traído**. São Paulo: Summus, 1979.
MEDEIROS, Bia. **Uma visita à galeria de arte**: Galeria Piccola I e II - Trajetórias do Corpo na Caixa Cultural em Brasília – Como proposta da disciplina de Metodologia de Ciências/UFU, 2008.
MONTAGU, Ashley. **Tocar**. O significado humano da pele. São Paulo: Summus, 1988.
QUEIRÓS, Bartolomeu Campos de. **Os cinco sentidos**. São Paulo: Global, 1999.

Recebido em 30 de março de 2009.

Aprovado em 12 de abril de 2009.